

Revista do Pastor

Edição 38 | Novembro 2025

ITEJ



O CRESCIMENTO SAUDÁVEL DA IGREJA

E MAIS >>

■ MARCAS DE UMA IGREJA SAUDÁVEL

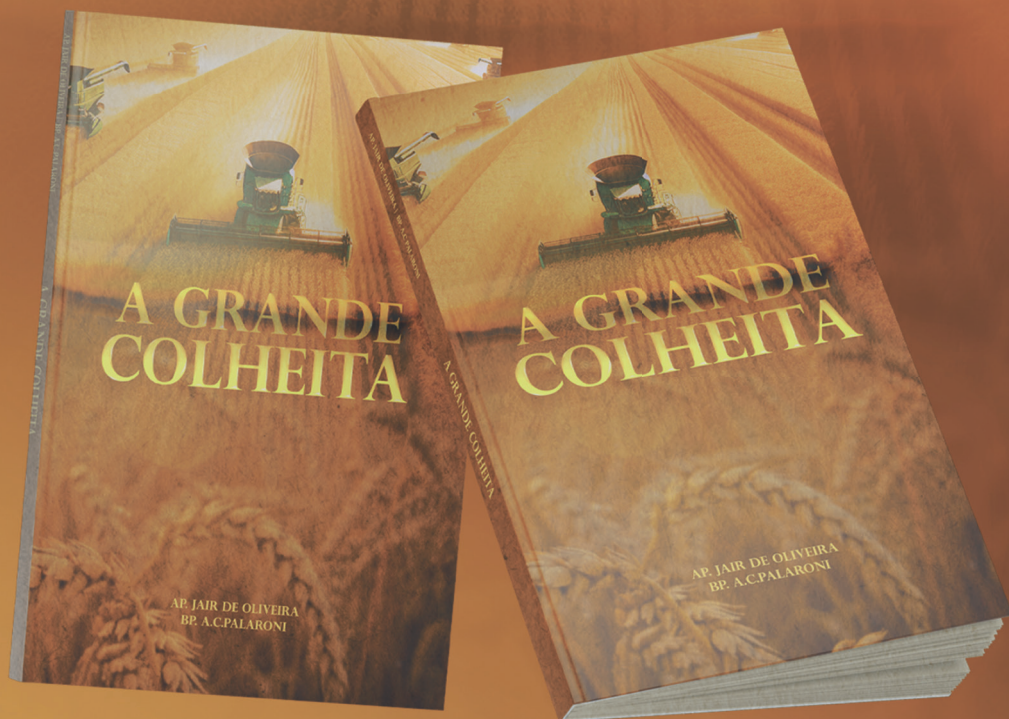
Confira pág. 05

■ O EVANGELISMO É A PRIORIDADE DA IGREJA

Confira pág. 10

GARANTA LOGO O SEU!

Acesse nossa livraria online e compre os materiais
da Casa da Bênção de maneira rápida e fácil!



Apenas um Clique!



REVISTA DO PASTOR *Editorial*

Nesta edição da *Revista do Pastor*, apresentamos uma pequena amostra da riqueza dos conteúdos que temos produzido em obras inspiradas, cuidadosamente pensadas e publicadas para a nossa ICB. Todo esse material tem como propósito principal equipar a liderança para edificar igrejas saudáveis, que crescem de forma progressiva e manifestam o sobrenatural de Deus em cada etapa do seu desenvolvimento.

Mais do que nunca, vivemos em um tempo em que números e estatísticas são frequentemente usados como sinônimos de sucesso ministerial, porém, é necessário reafirmar uma verdade essencial: **o crescimento da igreja precisa ser saudável, não apenas visível.** O verdadeiro crescimento não se mede apenas pela quantidade de membros, mas pela qualidade dos discípulos formados, pela maturidade espiritual e pela solidez dos relacionamentos construídos dentro do corpo de Cristo.

A igreja que cresce de forma saudável é aquela fundamentada na Palavra, guiada pelo Espírito Santo na Visão de Cristo e comprometida com o amor e serviço ao próximo. Ela entende que a expansão do Reino começa no coração de cada crente transformado e que a multiplicação só é duradoura quando nasce da maturidade.

Pastores e líderes têm, portanto, a nobre missão de cultivar não apenas ajuntamentos, mas comunidades vivas, onde a fé é fortalecida, os dons são despertados e Cristo é o centro. O desafio não é crescer com velocidade, mas crescer com raízes profundas porque só igrejas saudáveis geram frutos permanentes.

“O crescimento que vem de Deus é o único que permanece.” - 1 Coríntios 3.6



Prª Adriana Francelino Affonso
Coordenação Editorial SEC-SCT/ITEJ



ÍNDICE

05 | MARCAS DE UMA
IGREJA SAUDÁVEL

10 | O EVANGELISMO É A
PRIORIDADE DA IGREJA

13 | ERGUEI OS VOSSOS OLHOS

18 | PLANTAR, REGAR
E VER CRESCER

22 | A ÚLTIMA GLÓRIA REVELADA

26 | RELACIONAMENTO, A CHAVE
MESTRA DA EDIFICAÇÃO

30 | A EXPANSÃO DO REINO

36 | UMA VISÃO PARA UMA
GRANDE COLHEITA

IGREJA TABERNÁCULO EVANGÉLICO DE JESUS

Presidente: Ap. Jair de Oliveira

Bispos: A.C. Palaroni, Wilson J. Ribeiro, Jaime Caieiro, Daniel de Oliveira, Paulo Ribeiro

Secretários: Pr. Arcentik Dias, Pra. Ana Paula Oliveira e Pr. Marcus Galdino

REVISTA DO PASTOR

Conselho Editorial

Bp. A.C. Palaroni, Missª. Andréia Palaroni, Prª. Adriana Francelino Affonso, Pr. Sebastião Nascimento e Pr. Davi Melo.

Editora chefe: Adriana Francelino Affonso | **E-mail:** icb.revistadopastor@gmail.com

Diagramação e Arte Final: Anderson Ligado | **Capa:** Anderson Ligado (61) 99214-2306

Colaboradores: Apóstolo Jair de Oliveira, Bispo A.C.Palaroni,

Apóstolo Guilherme Maldonado, Pr. Sebastião Nascimento.

Endereço: Catedral da Bênção - QSF AE 4/5, Taguatinga Sul, Brasília-DF,

CEP: 72025-500 | FONE: (61) 3033-9900



MARCAS DE UMA IGREJA

Saudável

Um dos símbolos da igreja nas Escrituras é o corpo. Um dos aspectos da igreja como corpo ou organismo é que, em seu estado normal, ela crescerá. Não precisamos ensinar ninguém a crescer, pois, se a pessoa estiver viva, alimentar-se corretamente, tiver saúde, crescerá. Este é o curso normal das coisas. Nossa preocupação surge quando alguém não cresce. Creio que todos já ouvi-

ram falar ou já se depararam com casos de pessoas afetadas pelo Distúrbio de Crescimento. Segundo especialistas da medicina, este distúrbio pode ter uma série de causas, como deficiências nutricionais, doenças crônicas ou distúrbios hormonais que a criança adquire no decorrer de seu desenvolvimento. Crianças atingidas por este mal podem aparentar ter 4 ou 5 anos, quando,

na verdade, têm 9 ou 10. Isso sim, é motivo de preocupação e cuidados. Podemos dizer o mesmo da igreja, quando ela está saudável, seja mais rápido ou um pouco mais devagar, crescerá e o Senhor acrescentará a ela aqueles que vão sendo salvos.

Mas, quando não há crescimento e, pior, quando há diminuição, provavel-

mente, estamos diante de uma igreja adoecida e necessitada de cuidados.

Perceba que, na maioria das vezes, o Distúrbio de Crescimento é causado pela ausência de certos nutrientes ou hormônios, ou por uma má alimentação provocadora de desnutrição. Isso também é verdade no que diz respeito à igreja. Uma igreja fica doente pela ausência das marcas que quero compartilhar com o leitor.

Liderança Autorizada

“Ninguém toma, esta honra para si mesmo, mas deve ser chamado por Deus, como de fato o foi Arão.” - Hebreus 5.4

Em Números 16 está registrada uma das maiores rebeliões em Israel, liderada por Corá, um levita, juntamente com Datã e Abirão, rubenitas, e duzentos e cinquenta líderes do povo. Eles se levantaram contra Moisés e Arão, acusando-os de se exaltarem sobre a congregação. A reação de Moisés, ao cair sobre o rosto, revelou sua consciência limpa e sua certeza de ter sido escolhido por Deus, e não por vontade própria. Moisés sabia o peso e a responsabilidade de liderar o povo e reconhecia que a escolha de Arão também fora divina. Corá, tomado pela inveja, questionava por que não ele, mas Arão, havia sido escolhido para o sacerdócio, acusando Moisés de nepotismo.

Para provar quem havia sido escolhido, Deus

ordenou que doze cajados, representando as tribos, fossem colocados no Santo dos Santos. O cajado de Arão, que representava a tribo de Levi, floresceu, brotou e deu amêndoas, confirmando seu chamado divino. Esse sinal ensina que a verdadeira liderança espiritual é fruto da escolha e da vida de Deus, e não de imposição humana.

O cajado, símbolo da autoridade pastoral, representa um galho morto que recebe vida — assim é o líder chamado por Deus: sua autoridade vem da vida de Deus que flui nele, e não de títulos ou cargos. Autoridade sem vida espiritual produz ditadores; autoridade com vida e unção produz apascentadores que lideram com amor e exemplo.

O líder levantado por Deus manifesta frutos em seu ministério — conversões, libertação, transformação de caráter e multiplicação de vidas. Uma igreja saudável não é dirigida por hereditariedade ou favoritismo familiar, mas pela vontade e escolha soberana de Deus. Líderes “de proveita”, formados por ambição humana, adoecem a igreja; líderes chamados por Deus a tornam viva, frutífera e dirigida pelo Espírito.

Ministérios Direcionados Aos Dons

“Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” - Romanos 11.29

Usando a analogia do corpo, Paulo ensina que

“

O líder levantado por Deus manifesta frutos em seu ministério — conversões, libertação, transformação de caráter e multiplicação de vidas.

”

cada membro foi equipado por Deus com dons para a edificação mútua. Todos possuem talentos e devem servir, pois um dia prestarão contas a Deus pelo uso deles (Mt 25.14-30). Contudo, muitos crentes, influenciados por modelos de igreja incorretos, acreditam que seu papel se limita a assistir cultos, contribuir financeiramente e aguardar a volta de Cristo, tornando-se “salvos, sentados e satisfeitos”. Nesse formato, o pastor assume sozinho toda a responsabilidade pelo crescimento e manutenção da igreja, como Moisés antes do conselho de Jetro (Êx 18.13-27).

O pastor David Yong Cho testemunhou o valor de uma igreja funcional, onde cada membro exerce seu dom, permitindo que a

obra seja realizada e prospere mesmo na ausência do pastor. Entretanto, muitos acreditam não ter dons, por associarem-nos apenas a ministérios visíveis e com títulos, como pastores, líderes de louvor ou pregadores, esquecendo-se de que há muitos ministérios discretos, mas igualmente vitais.

Assim como o corpo humano depende mais dos órgãos invisíveis que dos membros aparentes, a igreja depende de pessoas que servem em silêncio, intercedem, animam, repartem e ajudam com alegria (Rm 12.6-8). Na eternidade, Deus revelará o valor dos que serviram ocultamente, pois “os últimos serão os primeiros” (Lc 13.30).

Uma analogia ilustra essa verdade: os pequenos ossos “sesamóides” do pé, quase imperceptíveis, são essenciais para firmar o corpo. Da mesma forma, os irmãos discretos sustentam o Corpo de Cristo. Ninguém é inútil; cada membro foi colocado por Deus com uma função única e insubstituível.

Descobrir o dom requer disposição para servir em diferentes áreas até encontrar aquela em que se sente pleno e abençoado. O dom deve ser cultivado, pois pode crescer em ministério ou tornar-se inoperante se negligenciado. Paulo exortou Timóteo a reavivar o dom recebido (2 Tm 1.6-8), lembrando que, apesar das lutas e desânimo, Deus pode renovar o chamado.

Ardente Espiritualidade

“Perguntaram-se um ao outro: ‘Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?’” - Lucas 24.32

A igreja, formada pela ação do Espírito Santo, deve ter como marca essencial a espiritualidade. Ela não é um espaço social ou intelectual, mas um lugar de adoração e serviço a Deus, guiado pelo Espírito. Essa espiritualidade possui dois aspectos fundamentais: fervor espiritual e espiritualidade de caráter.

1. Fervorosos de espírito servindo ao Senhor (Rm 12.11)

A primeira dimensão da espiritualidade está ligada ao fervor com que a igreja serve e cultua a Deus. Assim como uma festa celebra a vida, a igreja viva celebra a presença de Deus com alegria genuína, não por barulho artificial, mas pela ação do Espírito. Paulo adverte contra o extremo da desordem nos cultos, como em Corinto, mas também contra o formalismo que extingue o Espírito (1 Ts 5.19). O equilíbrio entre ordem e liberdade espiritual é essencial para que os cultos não se tornem rituais frios.

Mesmo diante de falsos profetas e revelações enganosas, a igreja deve continuar crendo e permitindo as manifestações autênticas do Espírito Santo, que ope-

ra por meio dos dons. Uma igreja saudável é aquela que dá liberdade ao Espírito Santo para agir conforme a vontade de Deus.

2. Espiritualidade de caráter (1 Co 13.1)

O segundo aspecto da espiritualidade é prático e moral. A verdadeira experiência com Deus transforma o comportamento, como aconteceu com Jacó após lutar com o anjo. A espiritualidade autêntica se revela em um caráter moldado por Cristo. Não adianta falar em línguas ou demonstrar dons espirituais se não houver amor, domínio próprio e coerência de vida.

A verdadeira experiência espiritual mudará nosso caminhar. É incoerência fa-

“

A espiritualidade autêntica se revela em um caráter moldado por Cristo.

”

“

A igreja é composta por aqueles que creem que em Cristo habita toda a plenitude da divindade e que todas as coisas existem por meio dEle e para Ele.

”

lar na língua dos anjos num momento e depois falar da vida dos outros em outro momento; é incoerência dar glória a Deus em alta voz num culto, para depois gritar palavrões no trânsito; é incoerência levantar as mãos em adoração a Deus e depois usar essas mãos para bater na esposa. A verdadeira espiritualidade se expressará numa vida que reflete o caráter de Cristo. Manifestações sobrenaturais sem caráter transformado não passarão de misticismo.

Após ensinar sobre os dons espirituais, Paulo mostra o “caminho mais excelente”: o amor, que é o fruto do Espírito. Ele não se opõe aos dons, mas os coloca em seu devido lugar. Dons sem amor são apenas ruídos vazios. O amor, portanto, é a

expressão suprema da espiritualidade verdadeira, que une poder espiritual e transformação de caráter.

Cultos Cristocêntricos

Uma igreja saudável tem Cristo como o centro de sua adoração, pregação e vida diária. Em tempos em que Jesus é visto apenas como exemplo moral, psicólogo ou revolucionário, é essencial reafirmar Sua divindade, pois somente reconhecendo-O como Deus podemos adorá-Lo verdadeiramente. A igreja é composta por aqueles que creem que em Cristo habita toda a plenitude da divindade (Cl 2.9) e que todas as coisas existem por meio dEle e para Ele (Rm 11.36).

1. Culto cristocêntrico

Muitos cultos modernos se tornaram centrados nas pessoas e não em Cristo, priorizando conforto, autoajuda e crescimento numérico em vez da glória de Deus. Tais reuniões, ainda que religiosas, são essencialmente idólatras, pois todo culto cujo centro não é Cristo substitui o verdadeiro Deus por ídolos.

2. Pregação cristocêntrica

A pregação genuína da igreja deve ter Cristo crucificado como tema central (1 Co 1.22-23). Spurgeon ensinava que “Ele é todo o evangelho”. Assim, dos púlpitos de uma igreja saudável não devem sair discursos políticos, psicológicos ou exalta-

ções humanas, mas a proclamação da pessoa e obra de Jesus. O próprio Cristo, no caminho de Emaús, mostrou que todas as Escrituras apontam para Ele (Lc 24.26-27). Paulo e os primeiros cristãos também pregavam Cristo como cumprimento das profecias e luz para todas as nações (At 26.22-23).

3. Vida cristocêntrica

Aquele que compreende quem Jesus é, vive uma vida centrada nEle. Suas ações, palavras, projetos e prioridades são dirigidos para glorificar a Cristo (Cl 3.17). O verdadeiro discípulo aprende de Jesus a negar a si mesmo, colocando o Reino acima dos próprios interesses (Mt 16.25). Assim, uma igreja verdadeiramente saudável é aquela em que tudo — culto, mensagem e vida — tem Cristo como o centro absoluto.

Pequenos Grupos

O crescimento numérico da igreja traz novas demandas e torna o trabalho pastoral mais complexo, pois apascentar envolve mais do que pregar, significa cuidar, conhecer, acompanhar e orientar cada pessoa. Por isso, os pequenos grupos se tornam essenciais para auxiliar o pastor nesse cuidado e fortalecer o corpo da igreja. Um grupo saudável é aquele unido pelo amor, zelo espiritual e abertura aos outros; já um grupo fechado em si, motivado por murmuração ou inveja, torna-se nocivo.

Diante disso, cabe ao

“

Jesus formou um grupo de doze discípulos para estar com Ele; e a Igreja Primitiva se reunia “no templo e de casa em casa”, fortalecendo a fé e o ensino.

”

pastor não ignorar a formação natural dos pequenos grupos, mas orientá-los biblicamente e sob a direção do Espírito Santo para que sejam instrumentos de edificação e discipulado. Embora existam opiniões divergentes, alguns amam e outros rejeitam os pequenos grupos, sua importância é inegável. A igreja que deseja crescer espiritualmente e alcançar novas pessoas precisa dessa estrutura, pois a proximidade e o convívio neles são meios eficazes de evangelização e cuidado mútuo.

A Bíblia confirma esse princípio: a Trindade é o primeiro e perfeito exemplo de comunhão; na criação, Deus viu que “não é bom que o homem esteja só”; Moisés, para governar Israel, organizou o povo em grupos menores;

Jesus formou um grupo de doze discípulos para estar com Ele; e a Igreja Primitiva se reunia “no templo e de casa em casa”, fortalecendo a fé e o ensino.

Assim, os pequenos grupos não são apenas uma estratégia moderna, mas um modelo divino e bíblico para o crescimento saudável, o pastoreio eficaz e a expansão do Reino de Deus.

O Evangelho Em Sua Plenitude

Vivemos em tempos de polarização, nos quais até as igrejas têm se dividido, enfatizando apenas partes do evangelho e distorcendo sua mensagem. Uma igreja saudável, porém, deve transmitir o evangelho pleno, conforme as Escrituras, reconhecendo todas as verdades que pertencem aos que creem em Jesus Cristo.

1. Jesus salva: A principal bênção oferecida à humanidade é a salvação, o novo nascimento, o perdão dos pecados, a vida eterna e a filiação divina. A mensagem central da igreja deve ser o amor de Deus revelado em Cristo, e não o sucesso material.

2. Jesus cura e liberta: Cristo ordenou que, junto com a pregação, houvesse cura e libertação. Os milagres são expressão do amor de Deus e confirmação da Sua Palavra. Assim como os discípulos e o apóstolo Paulo, a igreja deve demonstrar o poder do Espírito Santo em ação, revelando ao mun-

do o Deus vivo.

3. Jesus nos enche do Espírito Santo: A igreja saudável crê e busca o batismo no Espírito Santo, uma experiência distinta da salvação. Enquanto o Espírito habita no crente desde o novo nascimento, o batismo é o mergulho total em Seu poder, que envolve, conduz e transforma o cristão para cumprir a missão divina.

4. A Igreja peregrina: O povo de Deus vive neste mundo como peregrino, consciente de que sua verdadeira pátria é celestial. Assim como Abraão, que armava tendas aguardando a cidade eterna, a igreja deve manter o coração desapegado das coisas terrenas, sem, contudo, ignorar suas responsabilidades no mundo. Somos luz e sal, atuando com propósito, mas com os olhos voltados para o retorno de Cristo e a vida eterna com Ele.



Apóstolo Jair de Oliveira
Servo do Senhor Jesus



EVANGELISMO É A PRIORIDADE DA IGREJA

“Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios no ermo.” – Isaías 43.18-19

Ouvi o apóstolo Jorge Ledesma, da Argentina, pastor de uma igreja com mais de 20 mil membros, dizer que quando recebemos uma visão de Deus, *é como quando compramos sapatos novos*; eles são bonitos, mas, ao caminhar, preferimos os antigos, por serem mais con-

fortáveis. Pura verdade!

Deus faz um apelo ao Seu povo para esquecer as coisas passadas, não porque foram ruins, mas porque Ele nos chama para algo melhor: um tempo em que ministérios infrutíferos e improdutivos – *basta olhar para quantas vidas foram batizadas nos últimos doze meses* – encontrarão um novo caminho de expansão do reino de Deus.

Às vezes, mesmo diante do melhor de Deus, preferimos permanecer no que é mais confortável, em vez de seguir a nova luz que Ele

traz para esse caminho no deserto.

Estou dizendo isso porque você, pastor, talvez nunca tenha se disposto a levantar na sua igreja um ministério de evangelismo sobrenatural.

O Novo Trará A Pesca Que Você Nunca Teve (Lucas 5.5)

A verdade absoluta é que, se continuarmos fazendo as coisas do mesmo jeito, o resultado será o mesmo, especialmente quando os frutos não têm sido satis-

ORIDADE EJA

fatórios. É tempo de fazer coisas novas em Deus, de esquecer o que já passou, pois uma nova luz chegou.

Lucas relata uma multidão na praia ouvindo Jesus. Em pouco tempo, a multidão cresceu tanto que Jesus já não conseguia falar com todos. Então, Ele observou um pescador limpando as redes e pediu seu barco emprestado por alguns momentos. De dentro do barco, Ele ministrou à multidão.

A glória do Pai estava em Jesus, como a nuvem que se movia no deserto protegendo os israelitas do sol

durante o dia e transformando-se em fogo à noite para aquecê-los. Podemos imaginar o ambiente de glória que havia naquela praia? Nesse ambiente, Jesus mandou Pedro voltar ao mar e lançar as redes, após uma noite sem pegar nenhum peixe.

Imagino como foi difícil para Pedro voltar ao mar, deixar aquele ambiente de refrigério e descanso sob a nuvem da glória de Deus. Além disso, pesava a lembrança de uma noite inteira de trabalho sem sucesso. Qual deveria ser o estado de ânimo dele ao voltar ao trabalho? Frustração.

A Expansão Do Reino De Deus Começa Com O Evangelismo

Você já deve entender que uma igreja sem visão de evangelismo, por mais que o líder ore pelo crescimento, não crescerá. O ambiente pode ser glorioso, mas, se o líder não enviar a igreja ao evangelismo, terá apenas esse ambiente glorioso, nada mais.

Os salvos precisam entender, através de nossa mensagem, que evangelizar não é uma obrigação imposta, mas um estilo de vida para quem foi transformado por Jesus.

Criando O Ministério De Evangelismo

O ministério de Jesus atraía multidões, como vimos anteriormente, com o endemoninhado liberto de Gadara, a mulher Samaritana e Lázaro.

Logo após a experiência sobrenatural, a samaritana e Lázaro transformaram-se em evangelistas. E como evangelizavam? Com suas próprias histórias. Agora, imagine cada pessoa que teve um encontro marcante com Jesus fazendo o mesmo, dizendo: *“O que Ele fez por mim pode fazer por você também.”* Esta é a razão de, em pouco tempo, numerosas multidões terem vindo até Ele, trazendo seus doentes, perturbados e oprimidos por demônios, para serem curados, libertos e receberem Sua mensagem.

Primeiro passo – O líder deve estar convencido e persuadido de que seu chamado é para expandir o reino de Deus, e não para ter uma comunidade de irmãos estagnada há anos.

Segundo passo – Conhecer profundamente toda a estrutura e funcionamento do ministério, desde o treinamento até o envio da igreja e o recebimento dos novos convertidos vindos do evangelismo.

Terceiro passo – Iniciar o treinamento com o capitão ou capitães de evangelismo da casa, aqueles que vão liderar os grupos em suas jornadas de evangelismo.

Quarto passo – Tanto para a função de capitão quanto para os membros de cada grupo, é importante que esses irmãos atendam ao chamado e se apresentem como voluntários, e não

como alguém que se sente obrigado a servir a Jesus.

Quinto passo – Iniciar o treinamento teórico e prático de quatro semanas, primeiro com os capítães e depois com os membros.

Sexto passo – Criar uma agenda de evangelismo em massa uma vez por mês, em uma área próxima da igreja.

Sétimo passo – Liderar o mi

nistério de evangelismo até que um novo líder seja levantado. É importante que o pastor conduza o primeiro ciclo, mostrando o quanto o evangelismo é essencial para o reino de Deus.

Definindo As Funções

Não se deve cometer o erro de colocar pessoas em posições de liderança se seu chamado não é específico para aquela função.

O Líder de Evangelismo – Ele é responsável por chamar, treinar e enviar grupos de evangelismo para regiões próximas da igreja.

O Capitão – É o líder dos grupos de evangelismo. Em uma igreja com 50 membros, é ideal que um capitão coordene um grupo de cinco membros.

Os Membros – São irmãos nascidos de novo, e não importa há quanto tempo estão na igreja; o que importa é que estejam disponíveis. Sempre devemos chamar os que se colocam à

disposição.

Projeção Para Um Ano De Evangelismo

O ideal é que uma igreja te

nhá pelo menos dois grupos de evangelismo, com 12 pessoas envolvidas na missão de fazer o bem. A cada 15 dias, um grupo é enviado para evangelizar por apenas uma hora. Eles vão de dois em dois, como Jesus instruiu. São três duplas evangelizando uma pessoa a cada cinco minutos, resultando em 36 pessoas evangelizadas por vez. Com dois evangelismos mensais, 76 pessoas são evangelizadas, o que significa que em um ano a igreja terá alcançado 912 pessoas.

A Retenção Do Fruto – Afirmação

Após o evangelismo, entra em cena o trabalho de retenção do fruto, que chamamos de “afirmação”. Esse é um processo que dura aproximadamente três meses e envolve quatro visitas, uma classe para novos crentes e o batismo.

1. Casa de Paz - O propósito dos grupos de evangelismo é conseguir, durante suas abordagens, o contato das pessoas para agendar uma visita de quatro semanas em suas casas. Durante essas quatro semanas, é ministrado um estudo bíblico resumido com o tema: “*Por que preciso de Jesus?*”

O tema central é abordar “*Por que preciso de Jesus?*” e convidar as pessoas

para as reuniões da igreja. Quem realizou o contato inicial será responsável pela visita.

2. Curso de Crescimento Espiritual (CCE) - As pessoas que vieram das Casas de Paz para a igreja, continuam sua jornada de afirmação em uma classe para novos convertidos, chamada de CCE, uma vez por semana, durante dez semanas.

3. Batismo - As decisões por Jesus serão confirmadas pelo batismo. Este pode ocorrer a qualquer momento durante o CCE, não sendo necessário concluir o curso para se batizar.

Importante: O evangelismo e a afirmação devem ser um processo completo e satisfatório, sem resultar em frustração. O propósito é entrar nas casas por meio dos contatos feitos na rua, acompanhar a pessoa na Casa de Paz, conduzi-la ao curso para novos crentes e, finalmente, ao batismo. O ciclo deve ser completo para que o reino de Deus possa se expandir de forma sobrenatural e sem o sacrifício sobrecarregado de poucos.

Chame os membros, treine-os e envie-os para os becos e valados, para testemunhar e orar pelos necessitados, trazendo-os para as reuniões. Isso é novo, busque essa luz!

Bispo A.C. Palaroni

ICB Santos
(Adaptado do livro “Afirmado a Grande Colheita”)

ERGUEI OS VOSSOS OLHOS

ERGUEI OS VOSSOS OLHOS



Vivemos num mundo de desespero,
prisão e angústia. Somos enviados a ele com
uma missão, anunciar-lhes uma boa notícia.

Deus criou o mundo e, especialmente o homem, com um propósito; este, porém, rebelou-se contra Deus e introduziu o pecado em sua vida e na raça humana; sendo contaminado pelo pecado, o único destino do homem seria o inferno, a separação eterna de Deus; mas, Deus o ama e, por isso, em Cristo Jesus reconciliou consigo mesmo o mundo (2 Co 5.19). A razão do sofrimento do homem é sua separação de Deus. Nós temos a mensagem de que, através de Jesus Cristo, qualquer um pode se chegar a Deus e receber o perdão de seus pecados e tornar-se uma nova criatura. Deus dá ao homem a chance de zerar a quilometragem da sua vida e começar tudo de novo, pois, *“se alguém está em Cristo é nova criatura; As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (2 Co 5.17).

Este mundo, tão cheio de más notícias, está sedento por uma boa notícia como esta. Quando olhamos a vida do homem moderno, cheia de conforto provido pela tecnologia e pelo dinheiro, parece que isso não é verdade; parece que as pessoas estão muito bem, lotando os shopping centers e saindo com sacolas cheias. Mas, isso é ilusório. Não nos esqueçamos que cresce a cada dia o número de suicídios provocados principalmente por aquilo que já chamam de “o mal do século”, a depressão. Não, o homem não está nada bem.

Falando aos discípulos

“
As coisas que o homem inventa para preencher o vazio de seu coração só fazem com que ele aumente. A igreja tem a boa notícia que eles precisam ouvir.
”

que, talvez, esperavam um momento no futuro onde a colheita de almas seria mais eficaz, primeiramente, o Senhor lhes mandou parar de olhar para o próprio umbigo e disse-lhes: ***“Erguei os olhos”*** (Jo 4.35). Essa é uma palavra à igreja quando ela está olhando somente para si.

Depois o Mestre continuou: ***“Vede os campos, pois já branquejam para a ceifa”*** (Jo 4.35). O Senhor Jesus já havia identificado o que eram estes campos: ***“O campo é o mundo”*** (Mt 13.38). O mundo é um campo que está maduro para a colheita. As coisas que o homem in-

venta para preencher o vazio de seu coração só fazem com que ele aumente. A igreja tem a boa notícia que eles precisam ouvir.

Após levar as boas notícias à mulher samaritana, o Senhor Jesus disse aos discípulos que haviam acabado de chegar com a refeição que foram comprar: ***“A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”*** (Jo 4.34). Ele estava ensinando aos discípulos e a nós que levar uma alma à experiência da salvação é um verdadeiro banquete para nosso homem interior. Às vezes estamos com fome espiritual e achamos que é falta de um seminário, da leitura de um livro profundo; outros chegam a pensar que precisam mudar de denominação porque não estão sendo bem alimentados. Mas, na verdade, o que alguém com este tipo de fome está precisando é de fazer a vontade do Pai e realizar Sua obra. Perceba que os grandes ganhadores de almas da igreja não vivem reclamando do sermão, do culto ou da igreja. Eles estão realizando as obras do Pai e vivem com a alma abastecida.

A igreja tem uma missão para com o mundo perdido: trazê-los das trevas para a luz. Jesus estava tão preocupado com esta missão que ela foi seu último assunto com seus discípulos, antes da sua ascensão: ***“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.***

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” - Mateus 28.18-20.

O Sal Fora Do Saleiro

Um dia, Jesus levou três de seus discípulos a um alto monte e ali, mostrou Sua glória na transfiguração, ao mesmo tempo que Moisés e Elias, dois gigantes da história judaica apareciam e conversavam com Ele. Diante de tão majestosa manifestação, Pedro sugeriu que se fizessem três tendas, uma para o Senhor, uma para Moisés e outra para Elias, para que ali permanecessem. Porém, a voz de Deus, o Pai, se fez ouvir, declarando que Jesus era Seu Filho e somente Ele deveria ser ouvido e nunca equiparado a Moisés, Elias ou a mais ninguém. Depois disso, tudo aquilo desapareceu e, por ordem do Mestre, eles desceram do monte (Mt 17.1-8). Tudo aquilo era maravilhoso, mas, eles tinham uma missão neste mundo. Não poderiam ficar o resto de suas vidas no monte, mesmo diante de coisas tão gloriosas. Depois da passagem da transfiguração vem a história da libertação do jovem epilético (Mt 17.14-21). Jesus estava nos ensinando que aquilo que recebemos em nossos momentos devocionais tem o propósito de nos preparar para adentrarmos o mundo

“

Nada é mais contra o espírito do evangelho do que um cristianismo egoísta que fecha os olhos aos que estão do lado de fora.

”

e cumprirmos nosso papel nele. Se passarmos nossa vida em nossas tendas nos montes, o que será dos jovens possesores?

“No tempo de Jesus, o sal (obtido às margens do mar Morto ou de pequenos lagos na beira do deserto da Síria) facilmente adquiria um gosto inosso e mofado por causa da mistura maior de gesso ou restos de plantas. Por isso não podia ficar muito tempo armazenado. Precisava sair do saleiro, entrar nas comidas. Assim, os cristãos precisam inserir-se no meio do mundo”.

Aquilo que de Deus

recebemos em nossa comunhão com Ele não é para nós mesmos, nem para desfrutarmos dentro do templo, num clima de emoção e liturgias bonitas, como no Monte da Transfiguração. Nada é mais contra o espírito do evangelho do que um cristianismo egoísta que fecha os olhos aos que estão do lado de fora. Isso é ser sal que não salga e para nada mais presta. O sal só tem utilidade fora do saleiro.

“Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” - Mateus 5.13

Por declarar que somos o sal da terra, o Senhor estava, implicitamente, falando da condição do mundo em que vivemos. Ele estava nos dizendo que o mundo se encontra em estado de degradação e deterioração. O mundo se assemelha a um pedaço de carne que vai apodrecendo.

O elemento explícito da declaração do Senhor é que nós, como igreja, somos o sal que preserva este mundo da degradação completa. Você se lembra que, quando Abraão lutava em oração por Sodoma, lugar em que seu sobrinho morava, Deus lhe garantiu que se houvesse ali, ao menos, dez pessoas justas, a cidade seria preservada (Gn 18.32)? Uma vez que Sodoma foi destruída, sabemos que não havia ali nem dez pessoas com sal

suficiente para preservar a cidade da corrupção completa. *“Ló deveria ter sido o sal de Sodoma, mas de algum modo seu ‘sal’ perdeu a salinidade, a propriedade de preservar. Assim como para a esposa de Ló, que perdeu o sabor, ou por olhar para trás, ao contemplar Sodoma em seu coração, transformando-se em estátua de sal, num aviso contra a identificação com o mundo”*. Na época de Noé, Deus achou somente ele e sua família (Gn 6.8).

O papel da igreja como sal da terra é, através de seu comportamento conduzido pela palavra de Deus aplicada em sua vida pela habitação do Espírito Santo, impedir a degradação deste mundo colocando, subjetivamente, seu poder germicida nas diferentes camadas da sociedade em que vive. Assim como o sal é diferente do elemento onde ele é aplicado, a igreja só terá seu papel cumprido quando for diferente do ambiente em que está inserida. Jesus advertiu que, se o sal perder este elemento, não servirá para nada. O sal só perde seu poder de salgar se for misturado a outras coisas. A igreja também perde seu poder de preservação quando se mistura à ética deste mundo, juntamente com suas implicações. Ela perde seu propósito quando perde seu testemunho e procura se adequar e “dançar conforme a música”. Jesus disse que, além de serem reprovados por Deus, aqueles que deixam de salgar, serão pisa-

“

Assim como o sal é diferente do elemento onde ele é aplicado, a igreja só terá seu papel cumprido quando for diferente do ambiente em que está inserida.

”

dos pelos homens. O cristão deve ter algo que o distinga dos demais da sociedade e seja percebido pelo mundo. É esta distinção que servirá de agente contra a putrefação moral.

O Sal Dá Sabor

Uma das marcas do tempo presente é a total falta de sentido para a vida, o que tem acarretado, por um lado, numa busca desenfreada por prazeres (hedonismo), por outro, levado muitos ao suicídio por não suportarem viver uma vida enfadonha e o vazio de suas almas.

Aí entra o papel da igreja como sal que dá o sa-

bor à vida. Somente o povo que experimentou a transcendência do encontro com Deus, traz ao mundo um significado à vida.

Uma característica notável do sal é que ele desaparece no alimento onde é aplicado, deixando apenas seu sabor. É impossível retirar o sal de um alimento onde ele tenha sido aplicado e se dissolvido. Isso aponta para o aspecto da igreja se expressando através de seus membros de forma subjetiva e subliminar na sociedade. Ser sal é uma vocação importante. Entretanto, quem quiser cumpri-la precisa saber do sacrifício que está ligado a ela. Pois, quando o sal quer cumprir sua tarefa, precisa dissolver-se. O serviço do sal sempre acontece pela entrega de si próprio. O sal que não se entrega, o sal que permanece no saleiro, perde o seu poder de salgar e por nada será revigorado como sal.

A igreja possui um aspecto visível e institucional, com estrutura e liderança, mas não deve envolver-se em política partidária nem transformar o púlpito em palco de ataques ideológicos. Quando assume posições políticas ou militantes, a igreja institucional perde seu foco evangelístico e fecha portas para os que precisam de salvação. O pecado é universal e afeta todas as classes, ideologias e orientações; todos carecem da graça de Deus.

O verdadeiro papel

do “sal da terra” se manifesta quando os discípulos de Cristo influenciam o mundo em seus ambientes pessoais e profissionais. O cristão, como cidadão do Reino e deste mundo, deve participar, opinar e agir com consciência e fé, tornando a sociedade mais justa e suportável. Grandes transformações históricas contaram com homens de Deus que agiram assim, infiltrados no mundo, mas guiados pelo Reino.

Apesar do crescente envolvimento da igreja institucional com temas sociais e políticos, o impacto espiritual tem diminuído, refletindo um sal que perdeu o sabor. A verdadeira transformação não vem de declarações oficiais, mas do testemunho vivo de cada discípulo. É por meio da infiltração, da presença dos cristãos autênticos nas mais diversas esferas, que o mundo é preservado da corrupção moral e espiritual.

Provocando Um Avivamento

Uma marca dos avivamentos na história da igreja é que eles mudaram a sociedade de seus tempos. Essas poderosas visitações do Espírito Santo a determinados lugares e épocas, além dos milhares de convertidos, deixaram profundas marcas na sociedade mesmo entre

“
*É por meio da
infiltração, da presença dos cristãos autênticos nas mais diversas esferas, que o mundo é preservado da corrupção moral e espiritual.*”

aqueles que não se converteram. Em épocas de avivamentos, era comum ver casas de prostituição, boates e cassinos fechando suas portas por falta de interesse da população ou por crises de consciência de seus donos; crimes e demais delitos sofriam uma queda sensível; até mesmo a economia do país cresce devido à mudança de vida em pessoas envolvidas em corrupção.

Nos grandes despertamentos da igreja, transformações ocorreram na sociedade, não porque a igreja estivesse denunciando essas coisas, nem persuadindo os homens do governo a toma-

rem decisões parlamentares, mas, devido à influência exercida por pessoas cheias do Espírito Santo que, pelo simples fato de serem sal da terra, influenciaram a sociedade de maneira espontânea.

Grandes historiadores dizem que, o que impediu a Inglaterra de atravessar um período de revoluções como o que a França experimentou no século XVII, foi o reavivamento evangélico. E tudo isso se deu porque pessoas se converteram, começaram a viver vidas melhores e foram dotadas de uma cosmovisão bíblica das coisas, o que resultou em mudança em toda a situação política.

Isso nos faz refletir: Nosso país tem presenciado o aumento de evangélicos, mas, qual a influência disso nos demais setores da sociedade? O tráfico de drogas diminuiu? A economia melhorou? A criminalidade foi reduzida? Os professores estão sendo honrados? Como anda o respeito pelos idosos? A família tem sido preservada?

O sal do verdadeiro avivamento mata os germes que corroem a sociedade. Não temos que esperar que ele aconteça, nós temos que provocar esse avivamento começando em nossas vidas e em nossas igrejas.

Apóstolo Jair de Oliveira
(Adaptado do livro “A Missão da Igreja”)



PLA RE CRE

O Chamado Silencioso do Pastor

“Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento.” — 1 Coríntios 3.6

Há uma beleza profunda e, ao mesmo tempo, um peso silencioso nas palavras de Paulo aos coríntios. Ele não fala de conquistas espetaculares, nem de êxitos imediatos. Fala de plantar, regar e esperar — três verbos que exigem humildade, perseverança e fé. O ministério pastoral, em sua essência, é exatamente isso: um ofício invisível aos olhos do mundo, mas essencial para

o Reino.

O Chamado Para Plantar

Plantar é confiar. Não há aplauso no ato de lançar uma semente na terra; há apenas a fé de que algo acontecerá sob o chão, longe do olhar humano. Paulo usa esse verbo para descrever o início da obra espiritual: o anúncio da Palavra, o discipulado inicial, a semeadura do Evangelho nos corações endurecidos ou distraídos.

Cada pastor, ao expor as Escrituras e ministrar ao povo, está plantando. Mas nem sempre a terra parece

boa. Às vezes, o solo é pedregoso, cheio de tradições humanas, feridas, incredulidade e resistência. Ainda assim, o pastor deve plantar. Não porque o terreno seja promissor, mas porque o semeador é obediente.

Jesus, em Marcos capítulo 4, contou que o semeador saiu a semear. Ele não escolheu apenas o solo fértil — lançou a semente em todos os tipos de terreno. Essa é a lógica do Reino: *semear onde Deus mandar, não onde pareça vantajoso*. Plantar é um ato de fé, e fé é obediência mesmo quando o resultado não aparece.

PLANTAR, REGAR & VER CRESCER

Há dias em que você meu amigo pastor, vai pregar e sentirá que ninguém ouviu. Que a mensagem caiu no vazio. Que a congregação dispersa, com os olhares frios e as rotinas cansadas, engoliram a Palavra. Mas o que é invisível aos olhos humanos é o que mais importa no Reino. A semente está lá. E como diz Isaías 55.10-11: *“assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia”*.

Plantar é o começo do invisível, é confiar que a Palavra de Deus trabalha em silêncio, nas camadas profundas do coração humano.

O coração do ser humano é um oceano profundo que só o Espírito Santo tem acesso!!!

A Arte Paciente De Cuidar

Paulo reconhece que não basta plantar; é preciso regar. O ato de regar implica continuidade, cuidado, presença. Muitos querem a glória da colheita, mas poucos se dispõem a voltar ao campo todos os dias para molhar o solo, mesmo quando nada parece mudar.

Regar é assistir, acompanhar o mesmo coração com amor pastoral, é ensi-

nar de novo, corrigir com mansidão, suportar o fraco, animar o cansado, orar pelo enfermo, visitar o que se afastou. É não desistir das pessoas.

Apolo regou, e isso já nos ensina que a obra é compartilhada. O ministério não é solo de um homem, *mas campo de Deus*. Paulo plantou; Deus deu continuidade. Deus usa diferentes obreiros, com dons distintos, em tempos diferentes, para uma mesma obra. O pastor maduro entende isso. Ele não se sente dono do campo, mas servo no campo.

Em João 4.37, Jesus disse: *“Um é o que semeia e outro o que ceifa.”* Essa é a dinâmica do Reino: ninguém faz tudo, e ninguém é substituível. O que importa é a fidelidade no turno que nos foi dado.

Regar é também lidar com o tempo. A pressa é inimiga da maturidade espiritual. O pastor que deseja ver frutos imediatos corre o risco de substituir a fé pela ansiedade. Deus trabalha com processos. O crescimento espiritual das pessoas não se mede em semanas, mas em estações. Por isso, o pastor deve aprender a celebrar o progresso, não a perfeição. Quando um irmão que antes vivia em pecado agora luta para se manter firme, há ali um sinal de vida. Quando uma família começa a orar junta, quando um jovem volta à igreja, quando alguém decide perdoar, isso é o campo sendo molhado. A

“

O problema é que, no ministério moderno, muitos pastores foram tentados a medir resultados com métricas humanas: número de membros, engajamento, visibilidade, status.

”

vida está brotando, mesmo que lentamente.

Regar é amar o processo, não apenas o resultado.

O Reconhecimento da Soberania Divina

Há uma parte do texto de Paulo que nos liberta e, ao mesmo tempo, nos confronta: *“mas Deus deu o crescimento.”* O crescimento é o milagre que não está em nossas mãos. Nenhum pastor, por mais ungido ou eloquente que seja, é capaz de gerar vida espiritual em alguém. Podemos ensinar, aconselhar, exortar, mas só Deus pode fazer nascer o novo homem.

Essa é a fronteira da soberania divina: o ponto onde o trabalho humano termina e a graça começa. Deus não apenas faz crescer;

Ele decide quando, como e em quem o crescimento acontecerá. Às vezes, o pastor prega por anos a um coração endurecido, e um dia, sem explicação, a semente germina. Outras vezes, alguém que parecia promissor se desvia. O campo é de Deus. O tempo é de Deus. O crescimento é de Deus.

O problema é que, no ministério moderno, muitos pastores foram tentados a medir resultados com métricas humanas: número de membros, engajamento, visibilidade, *status*. Mas o Reino de Deus não mede sucesso; mede fidelidade. O quanto você amigo pastor é fiel ao Reino e aos seus processos?

O verdadeiro crescimento da igreja não está nas estatísticas, mas na transformação silenciosa das almas. Está nas conversões genuínas, nas reconciliações, no amadurecimento espiritual que só o Espírito Santo produz.

Jesus usou a imagem da semente que cresce sozinha (Marcos 4.26–29): *“O homem lança a semente na terra; dorme e acorda, de noite e de dia, e a semente germina e cresce, sem que ele saiba como.”* O agricultor não entende o processo; apenas confia. Assim é o pastor fiel: *planta com fé, rega com paciência e dorme em paz* — sabendo que o crescimento é um mistério que pertence a Deus.

Quando O Crescimento Não Vem

Há fases em que o campo parece estéril. O pastor olha para a igreja e sente que nada se move, que as mensagens perdem força, que as pessoas esfriam. É nesse momento que a fé é provada.

Deus ensina o pastor a confiar não apenas no poder da semente, mas também no tempo da chuva. O mesmo Deus que mandou plantar é o Deus que controla as estações. Há tempos de semeadura e tempos de colheita. Há períodos em que a terra precisa repousar e o pastor também.

Nesses momentos, *a oração se torna o regador invisível*. Quando faltam resultados, resta o clamor. O ministério verdadeiro não se sustenta no sucesso, mas na comunhão. O pastor que ora, mesmo quando não vê frutos, está dizendo a Deus: *“Confio em Ti, mesmo sem ver os resultados.”*

Lembre-se: o campo pode parecer silencioso, mas o subterrâneo está cheio de vida. O que é semente hoje, será árvore amanhã.

A Colheita Pertence Ao Senhor

Quando chega o tempo da colheita, é Deus quem chama. O mesmo Paulo que plantou reconheceu: *“Nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”* (1 Coríntios 3.7). Isso destrói qualquer soberba ministerial. O pastor é cooperador, não criador.

O verdadeiro prê-

“**Quem é fiel no pouco também é fiel no muito.**” O pouco é o teste do caráter. O crescimento é apenas consequência da fidelidade.

”

mio do pastor fiel não é *ver multidões*, mas *ver transformação*. Não é ter reconhecimento, mas saber que cumpriu o que lhe foi confiado. O pastor colhe quando um discípulo amadurece, quando uma vida é restaurada, quando um coração volta a arder por Deus. E mesmo essas colheitas são do Senhor, o pastor apenas participa.

Jesus disse em João 15.16: “*Eu vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça.*”. Fruto que permanece é aquele que nasceu da obediência, não da pressa. É aquele que foi gerado com lágrimas, paciência e fé (Salmos 126.5,6).

A Tentação Do Resultado

Vivemos uma era

de ministérios que medem sucesso por visibilidade. Pastores se comparam, igrejas competem, e o campo se torna palco. Mas o Reino continua sendo agrícola, não industrial. *Na indústria, se produz em massa; no campo, se espera o tempo da colheita.*

Paulo não se vangloria por ter plantado. Ele reconhece que é servo. E aqui está a maturidade que falta a muitos líderes: *compreender que a missão pastoral é um serviço, não uma vitrine.*

Plantar é trabalho oculto. Regar é constância silenciosa. Ver crescer é graça divina. E quando a igreja cresce, o pastor maduro se alegra, mas devolve a glória. Ele não diz “minha igreja cresceu”, mas “Deus fez crescer”.

A fidelidade é o maior sucesso espiritual. Como disse o próprio Senhor em Lucas 16.10: “*Quem é fiel no pouco também é fiel no muito.*” O pouco é o teste do caráter. O crescimento é apenas consequência da fidelidade.

A Recompensa Do Pastor

A promessa de Deus para os que semeiam com lágrimas é clara: “*Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará com júbilo, trazendo consigo os seus molhos*” (Salmos 126.6). Esse é o retrato do pastor fiel: anda e chora, mas não desiste. Porque sabe que, no tempo certo, Deus trará a colheita.

O apóstolo Paulo encerra a ideia em Gálatas 6.9: “*E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos.*” A colheita é certa, mas é “a seu tempo”. O tempo pertence ao Senhor.

O pastor que entende isso serve com liberdade. Ele não se angustia com a lentidão dos resultados nem se embriaga com o sucesso aparente. Ele simplesmente faz o que precisa ser feito: *planta, rega e confia.*

O Ciclo Do Reino

Plantar, regar e ver crescer são três movimentos simples que revelam o mistério do Reino e a essência do ministério pastoral. O pastor planta pela fé, rega com amor no discipulado e espera com esperança. Ele sabe que o crescimento não é obra sua, mas de Deus.

Quando os olhos humanos buscam resultado, o pastor *fiel* busca profundidade. Quando o mundo corre atrás de números, o pastor *fiel* se ajoelha em oração. Quando muitos querem colheitas rápidas, o pastor *fiel* aceita o ritmo do céu.

Que cada pastor, ao olhar para o campo que o Senhor lhe confiou, renove sua confiança no Deus que faz crescer. Porque a obra é Dele. O campo é Dele. E o crescimento é o milagre que só o Espírito pode realizar.

Pr. Sebastião Nascimento
ICB Santos



A ÚLTIMA GLÓRIA REVE

Vivemos um tempo em que o Espírito Santo está conduzindo a Igreja a compreender dimensões mais profundas da presença e da glória de Deus. A Bíblia revela que há uma progressão nas manifestações divinas, desde o tabernáculo de Moisés até o templo de Salomão, culminando na revelação de Cristo, que é “a expressão exata do seu Ser” (Hebreus 1.3). Essa glória, que antes era vista em símbolos e sombras, agora se manifesta plenamente no Filho e em Sua Igreja.

Entretanto, muitos ain-

da confundem a verdadeira glória de Deus com expressões passageiras de emoção ou sucesso humano. O discernimento espiritual é necessário para compreender o que é genuíno e eterno. A última glória não é um fenômeno momentâneo, mas uma revelação do caráter e da natureza de Deus que transforma o ser humano à Sua imagem.

A Natureza da Glória de Deus

A palavra “glória” vem do hebraico **kabôd**, que significa “peso, valor, impor-

tância”, e do grego **dóxa**, que indica “esplendor, honra e reputação”. Ambas expressam a ideia de substância e essência. A glória, portanto, não é apenas um brilho visível, mas o reflexo da própria natureza de Deus, o “peso” de Sua presença, o valor absoluto do Seu ser.

Deus é Espírito (João 4.24), infinito, eterno e imutável em santidade, justiça e bondade. Sua glória é a soma perfeita de todos os Seus atributos. Ela não é algo que Ele possui, mas o que Ele é. Assim, quando a glória se manifesta, é o próprio Deus



MA ELADA

revelando-Se, fazendo visível Sua majestade e poder.

As Escrituras testificam: *“Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.”* (Salmos 19.1)

A glória é, portanto, a expressão tangível da natureza divina no mundo natural. Toda manifestação autêntica da presença de Deus carrega esse “peso” espiritual, um senso de reverência, santidade e transformação que excede qualquer emoção humana.

O Contraste entre a

Glória de Deus e as Glórias Humanas

Antes de compreender o que é a glória divina, é essencial discernir o que ela não é. A Bíblia mostra que existem glórias passageiras que competem com a de Deus: a glória dos homens, a glória do mundo e a vanglória da vida.

A glória dos homens é centrada no ego, fundamentada em méritos pessoais e realizações visíveis. Jesus advertiu os líderes religiosos que “amavam mais a glória dos homens do que a glória

“

A glória dos homens é centrada no ego, fundamentada em méritos pessoais e realizações visíveis.

”

de Deus” (João 12.43). Trata-se de um reconhecimento terreno, efêmero e enganoso.

A glória do mundo, por sua vez, está ligada a posses, poder e fama. Foi exatamente isso que Satanás ofereceu a Jesus no deserto: *“Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.”* (Mateus 4.8–9).

Por fim, a vanglória da vida — orgulho, ostentação e autossuficiência — tem invadido até o ambiente religioso. Muitas vezes, a

busca por reconhecimento público substitui a busca pela presença real de Deus. O resultado é um ministério sem “peso espiritual”, uma aparência de piedade sem poder.

O apóstolo João resume: *“Porque tudo o que há no mundo — a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida — não vem do Pai, mas do mundo.”* (1 João 2.16).

A verdadeira glória de Deus não se mede por resultados humanos, mas pela transformação interior e pela manifestação de Seu caráter naqueles que O conhecem.

A Glória como Manifestação da Natureza Divina

Cada atributo de Deus revela um aspecto da Sua glória. A santidade expressa Sua perfeição moral; a justiça, Sua retidão; e a bondade, Seu amor e graça. Por isso, a glória de Deus é inseparável de Sua natureza.

Quando a glória se manifesta, ela revela quem Deus é e como Ele age. Não é algo que possa ser produzido por estratégias humanas, mas uma intervenção soberana do Criador. O próprio Jó reconheceu: *“Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.”* (Jó 42.2)

Assim, a glória é o governo visível de Deus atuando na Terra, acima e além da esfera da fé e da unção humanas. Ela é a soberania

“

A verdadeira glória de Deus não se mede por resultados humanos, mas pela transformação interior e pela manifestação de Seu caráter naqueles que O conhecem.

”

divina operando em plena liberdade, sem depender de circunstâncias ou limitações.

Quando uma igreja vive sob essa consciência, ela deixa de depender de métodos e passa a depender da presença. A adoração, a pregação e o serviço tornam-se canais pelos quais o próprio Deus se manifesta, e o resultado é transformação, não apenas de pessoas, mas de ambientes inteiros.

A Experiência e o Testemunho da Glória

Embora a glória de Deus seja um conceito teológico, ela também é uma realidade experiencial. O livro de Atos mostra que, quando a Igreja primitiva se

reunia em unidade e temor, “a casa tremeu” e “todos foram cheios do Espírito Santo” (Atos 4.31). A presença gloriosa do Senhor produzia poder, comunhão e milagres.

Ainda hoje, em diversas nações, testemunhos confirmam que a glória de Deus continua se manifestando. Em eventos de adoração e arrependimento genuíno, pessoas têm sido curadas, libertas e restauradas. Esses sinais não são um fim em si mesmos, mas evidências de que a presença de Deus está operando soberanamente.

Contudo, o foco não deve estar nas manifestações em si, mas na revelação da glória que elas comunicam. Ver milagres sem compreender o caráter de Deus é permanecer na superfície. O verdadeiro propósito é que a Igreja conheça o Deus da glória, e não apenas as obras de Suas mãos.

Isaías profetizou: *“Então a glória do Senhor será revelada, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca do Senhor o disse.”* (Isaías 40.5).

A revelação da glória conduz à transformação. Paulo afirma que “somos transformados de glória em glória” (2 Coríntios 3.18), indicando um processo progressivo de maturidade espiritual.

O Peso da Glória e a Maturidade Espiritual

O apóstolo Paulo escreveu: *“Porque a nossa leve*

e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação.” (2 Coríntios 4.17).

A glória tem “peso”, não apenas no sentido simbólico, mas espiritual. O peso da glória representa profundidade, consistência e autoridade adquiridas pela experiência com Deus. Enquanto o mundo valoriza a leveza da aparência, Deus investe peso espiritual em quem persevera em fidelidade.

Nas tribulações, Deus gera em nós uma glória maior. Cada prova se torna uma oportunidade para revelar o caráter de Cristo. A maturidade espiritual é medida não por dons ou títulos, mas pela capacidade de suportar e permanecer em fé, até que a glória se manifeste.

Assim, a Igreja gloriosa é aquela que aprendeu a permanecer firme, mesmo quando Deus parece em silêncio. Ela não vive de aparências, mas da revelação de quem Ele é.

Uma Igreja Gloriosa para um Tempo Final

Cristo não voltará por uma igreja fraca, dividida ou adormecida, mas por uma igreja gloriosa, sem mácula nem ruga (Efésios 5.27). Essa glória não é institucional nem denominacional, mas espiritual, a presença manifesta do Cristo ressurreto em Seu corpo na Terra.

A função pastoral nesse contexto é conduzir o povo de Deus à maturidade da revelação. Pastores e líderes

são chamados a promover ambientes onde a Palavra e o Espírito operem juntos, formando discípulos que carreguem o peso da glória e reflitam o caráter de Cristo.

Para isso, é necessário discernimento, santidade e entrega. A glória de Deus não pode ser manipulada; ela é resultado de um coração rendido. Quando a igreja se aquieta diante do Senhor e reconhece Sua soberania, o céu se move. Como declarou o salmista: *“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus; serei exaltado entre as nações.”* (Salmos 46.10).

O mundo precisa ver uma igreja cheia da glória de Deus, uma comunidade onde os milagres sejam fruto da Presença, e não da per-

formance; onde a verdade seja proclamada com poder e graça; e onde Cristo seja o centro absoluto de tudo.

A última glória revelada não é um espetáculo religioso, mas a plenitude da presença de Deus manifestada em Seu povo. É a glória que transforma corações, restaura famílias e prepara a Igreja para o retorno do Senhor.

Estamos sendo convidados a viver essa realidade: a glória que não se explica, mas se experimenta; que não se imita, mas se revela; que não se fabrica, mas se manifesta quando Deus é entronizado em nossos corações.

A última glória é Cristo sendo plenamente formado em nós, Sua santidade refletida em nossa vida, Sua autoridade em nosso ministério e Seu amor em nossa comunhão.

Que cada pastor e líder, ao meditar nestas verdades, volte-se novamente à essência: buscar a glória de Deus acima de todas as coisas. Pois quando a glória se manifesta, o Reino se estabelece, e o mundo verá que o Senhor reina para sempre. *“Então a glória do Senhor será revelada, e toda a carne juntamente a verá, porque a boca do Senhor falou.”* (Isaías 40.5).

Guilherme Maldonado
Apostolo Sênior
da Igreja El Rey Jesus
(Adaptado do livro “A Última Glória de Deus Revelada”)

RELA CIONA MENTO



A CHAVE MESTRA DA EDIFICAÇÃO

Que resposta imediata você daria se fosse perguntado sobre como Jesus edificou os Seus discípulos, Sua primeira igreja com doze membros, depois setenta e dois e que em pouco tempo multiplicaram-se numa multidão, espalhando-se por toda a terra? Qual forma Ele empregou para que nenhum

deles se perdesse, a não ser o “filho da perdição”? Oração, jejum, ensino e santidade? Se a resposta for sim, então, porque células estão morrendo e igrejas estão em processo de retração apesar de estarem orando, jejuando, ensinando a verdade e comprometidos com a santidade? O que foi perdido na

institucionalização da Igreja? O relacionamento horizontal entre os irmãos. Na vertical vamos até mais ou menos. Esta forma jamais poderá ser vista como um sistema ou substituída por um sistema, o que Jesus fez e deu certo é o que funciona até hoje. Tudo que Jesus conseguiu fazer através dos

Seus discípulos, vários deles martirizados, foi usando a extraordinária chave mestra do relacionamento. Só ela dá acesso ao coração de qualquer pessoa, por mais introvertida que seja ou arrogante, após um ato de amor o coração dela não lhe pertence mais.

A Importância Do Relacionamento

“Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” - Mateus 22.37-40

Enquanto o farisaísmo dos dias de Jesus era baseado estritamente no cumprimento das regras espirituais criadas pelos seus líderes para sustentar um sistema religioso, com horários definidos do dia para irem ao templo orar e dias da semana específicos para jejuar, percebia-se claramente que as pessoas era o que menos importava naquela religião, elas deveriam cumprir com suas obrigações ritualistas, e pronto. Suas vidas não tinham significado algum. Não expressava a fé, a misericórdia e a justiça.

Perguntado sobre qual seria o grande mandamento, o mais importante da Lei, Jesus surpreende os mestres afirmando que, amar uns aos outros é tão importan-

“
**O relacionamento
pode trazer com ele
um inimigo camu-
flado de alto risco, a
hipocrisia.**
”

te quanto amar a Deus. Ele disse que o segundo é semelhante ao primeiro.

Jesus fez questão de dizer àquele grupo que armou essa “pegadinha”, que em Sua CASA, o relacionamento com as pessoas é tão importante quanto o relacionamento espontâneo que temos com o Pai eterno. Como assim? Você se sente obrigado a orar, jejuar, dizer e adorar ao Senhor? Sei que não, isso é resultado do prazer e satisfação de servir e viver intimamente conectado ao Senhor. Do mesmo modo, é como devemos relacionar-nos com nossos irmãos; algo prazeroso e que faz bem a eles e a nós também.

Agora observe uma

coisa interessante: se dizemos que amamos a Deus, mas não O adoramos, não jejuamos, não dizimamos, não oramos e não praticamos Seus princípios de vida espiritual, nem O servimos, há amor em nós? Creio que não. Se só falamos que amamos nossos filhos, marido ou esposa e não os servimos, podemos dizer que os amamos? Creio que não. Por quê? O amor é revelado por meio de atitudes que tocam o coração, e quando isto acontece, não conseguimos dizer não a quem nos tocou. Foi o que Jesus fez, foi desta forma que edificou as primeiras vidas em Seu reino, aquelas que deram início à construção da Sua grande CASA. Ele deu importância aos Seus doze primeiros discípulos, servindo-os com toda a pureza de coração, de modo semelhante a que se dedicou ao PAI.

O relacionamento pode trazer com ele um inimigo camuflado de alto risco, a hipocrisia. Ela se dá quando tocamos a vida das pessoas pela necessidade de alimentar um sistema e pela busca única de interesse pessoal. Infelizmente, há milhares de homens e mulheres de Deus frustrados e decepcionados. Não acreditam e nem confiam em mais ninguém, porque descobriram que estavam apenas sendo usadas, suas vidas não significavam nada para quem parecia importar-se com elas.

Fala-se muito que os “sem igrejas não deveriam viver assim, mas na maioria

“

Já se sentiu enganado alguma vez? Creio que sim! Por que nos deixamos ser enganados? Porque, quem se conectou a nós, tocou-nos com atenção, provisão e honra, prendendo nosso pobre coração ao dela.

”

dos casos, devido ao baixo nível de maturidade, não suportaram a decepção sofrida quando descobriram que o amor que receberam era fingido e não verdadeiro. Hoje eu entendo que a responsabilidade desse alto índice de pessoas que adotaram este estilo de vida, é dos líderes da CASA.

“O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apagando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.” – Romanos 12.9-10

Já se sentiu enganado alguma vez? Creio que sim! Por que nos deixamos ser enganados? Porque, quem se conectou a nós, tocou-nos com atenção, provisão e honra, prendendo nosso pobre coração ao dela. Porém, sequer imaginávamos

que todas essas ações eram acompanhadas puramente de interesses pessoais. De querer beneficiar-se e não de se importar com o real estado da nossa vida. Este é o amor fingido de que Paulo fala que devemos evitar a todo custo. É perverso e maligno, porque parece ser justo, mas não é. Parecia estar preocupada conosco, mas pouco está se importando, e se luta pelo nosso sucesso, é para se aproveitar dele. Já fomos amados por gente assim, que se sacrificou por nós, conquistou nosso coração e em seguida partiu, porque conseguiu o que queria ou porque não respondemos às suas intenções e expectativas como esperado.

Jamais conseguiremos edificar uma grande CASA para Deus morar e se expressar por meio dela, se a nossa liderança for exercida para beneficiar o sistema e não as pessoas.

O Perigo De Uma Liderança Promíscua

O que vou compartilhar com você agora é de extrema importância na edificação da CASA, nossa liderança torna-se promíscua quando o nosso relacionamento com as pessoas que evangelizamos e batizamos não é focado na sua necessidade de salvação e maturidade espiritual, mas em alcançar metas de crescimento quantitativo da CASA. Quando treino discípulos e matriculo-os nos cursos, minha real intenção é edificar a vida espiritual dessas pessoas ou apenas gerar mais um líder

na formação do meu grupo de discipulado? Se estivermos motivados pela primeira situação, precisamos evitar este tipo de pecado em nossa liderança, se alguns de nós já caímos nele, é tempo de se levantar e voltar ao primeiro amor, o amor não fingido, o amor verdadeiro. É preciso tomar muito cuidado com isso.

Relembrando as palavras de Jesus que disse “nenhum dos que me destes se perderam”, aprendemos que Ele fazia o trabalho certo com um coração movido pela misericórdia, e não em busca de gente para expandir Seu Reino. Digo isto, porque nos esforçamos espiritualmente jejuando, orando e evangelizando, a fim de proporcionar a alguém um encontro com o Amor de Deus. Insistimos em batalhas espirituais para que seu coração seja desobstruído e possa ouvir o Espírito Santo e ser convencido, porém, quando não há de imediato uma resposta de aceitação ao batismo, por exemplo, ele é descartado, deixado de lado. Aos que levamos a passar pelo Encontro e batismo, já achamos ter conseguido cumprir a “meta” e pensamos: ‘agora que caminhem por si mesmo’, ‘já fiz o mais difícil’.

David Yonggi Cho, pastor da maior igreja do mundo, diz que os primeiros três meses de um convertido são os mais difíceis. Ele enfrenta a oposição da família, a chacota dos amigos e a tentação do pecado, se não houver

“

***O Mestre investiu
tempo e teve
paciência para
vê-los crescer e
tornarem-se
testemunhas do
Seu Reino por toda
parte.***

”

alguém disposto a dedicar-se na sua edificação, essa pessoa não vai durar muito tempo na fé, logo não será mais encontrada entre os santos. Amar a Deus é nossa prioridade, porém, não esqueçamos que Jesus fez questão de dizer que, o relacionamento com as pessoas é tão importante quanto o relacionamento com Deus. Precisamos tratar essa realidade se quisermos edificar uma Igreja de vencedores.

Como líderes, em determinada situação, somos tendenciosos a agir de acordo com a velha natureza, foi assim, dando pequenas brechas, que muitos acabaram se tornando hipócritas com seus irmãos. A evidência de que deixamos as coisas do homem natural para trás e vivemos com um novo coração, podemos dizer que são

três, e delas se originam as demais: a libertação do pecado, a santificação e atitudes verdadeiras favoráveis às pessoas. Estas coisas devem ser feitas naturalmente pelo homem espiritual, elas glorificam a Deus, e são impossíveis de serem praticadas pelo homem natural.

Relacionamentos Transformam Pessoas

Logo de começo, Jesus instituiu um ambiente de confiança com os Seus discípulos, Ele iniciou com coisas básicas do Reino: Amor a Deus e ao próximo. Seu relacionamento com eles era prioritário e intenso. Aqueles primeiros doze discípulos não foram transformados apenas numa classe de estudos bíblicos, sabemos que nela se ganha conhecimento, mas foram profundamente tocados pelas experiências que obtiveram no relacionamento pessoal com Jesus, esse princípio modelou a vida espiritual deles. O Mestre investiu tempo e teve paciência para vê-los crescer e tornarem-se testemunhas do Seu Reino por toda parte. Por que foram tão longe? Porque Jesus se importava profundamente com aqueles que o Pai lhe dera, Ele sabia que o incentivo para amarem a Deus e as pessoas dependia do nível de ligação que teria com eles. O convívio foi a base de tudo.

Se buscamos de verdade uma igreja forte que se multiplica, grupos de discípulos que cuidam e instruem, e Casas de Paz feitas

com um coração cheio de misericórdia, acredite, chegou a hora de pagar o preço do amor verdadeiro. Faz mais de uma década, tenho dito por diversas vezes aos nossos líderes, que nosso foco deve ser as pessoas, elas é que são importantes, e não o quanto sabemos do Reino de Deus ou o quanto não sabemos, o que vale mesmo, é o quanto nos importamos, isto é o que vale.

A vida espiritual é um grande desafio a qualquer um de nós. Todos nós precisamos de alguém ao nosso lado nos puxando e dizendo: ‘Você pode, você consegue, Jesus te deu o Espírito Santo, é só fazer e ver acontecer!’ Isso é incentivar, encorajar as pessoas a fazerem o que elas pensam não serem capazes no Reino de Deus, mas sabemos que podem, com a unção do Espírito que agora habita nelas.

Todos nós precisamos estar ligados a alguém que acredita em nós, que nos encoraje, que nos mostre a nova realidade de vida espiritual adquirida no novo nascimento. Fico pensando se aqueles homens teriam feito a obra que fizeram se não fosse o relacionamento, a ligação íntima que Jesus estabeleceu com eles por todos aqueles anos. Sinceramente? Creio que não. O encorajamento é a vida da alma, é um grande incentivo.

Bispo A. C. Palaroni
ICB Santos
(Adaptado do livro
“Os Bastidores Do Trilho”)



A EXPANSÃO DO

REINO

Há uma enorme quantidade de irmãos, líderes de congregações grande e pequenas, que já não trazem mais em seus corações um espírito que os move para o crescimento e expansão do reino de Deus. O comando dado por Jesus para alcançar os confins da terra, não foi dado à parte da Ekklesia, mas a cada membro que pertence a ela, a todos. Desde o momento da revelação do que tinha em mente, até sua ascensão ao céu, Jesus não deixou dúvida alguma no coração daqueles homens e

no nosso, sobre qual seria a extensão de alcance da sua graça. Ele tinha em mente que o conhecimento do seu sacrifício, para livrar o homem do juízo de condenação, além de alcançar todo Israel e chegar aos confins da terra, também salvaria gerações futuras até que se feche a temporada da graça e abra-se uma outra, de acordo com o cronograma de Deus. Portanto, a expansão do Seu reino foi desenhada cuidadosamente para avançar no terreno geográfico, até os confins da terra, e ge-

racional, por várias gerações seguidas até que um tempo se complete.

Creio que quanto a esta questão não temos nada de novo; mas, o que me chama atenção nestes últimos tempos é a pergunta: nós ainda estamos sendo movidos pelo mesmo espírito, no qual por algumas décadas expandimos o reino de Deus? Ou temos permitido a outro espírito conduzir nosso chamado ministerial, descendo do nível sobrenatural apostólico para o natural, como

se fossemos uma associação homogênea de pessoas que combinam crenças, em um ambiente agradável e confortante, que a meu ver é onde grande parte dos ministérios evangélicos encontram-se atualmente.

Se o que havia no coração de Jesus, hoje não pode ser encontrado no meu, isto significa que perdi a principal razão do meu chamado, desconectei-me da Ekklesia do Senhor e estabeleci minha própria assembleia. Preste atenção no que vou dizer: quando compartilhamos temas que tratam da expansão do reino de Deus, há irmãos que se sentem mal, querem mudar de conversa e vão até embora, porque a questão causa-lhes irritação e não prazer, perderam o mover apostólico. Sua mente está conformada e endu-

recida, resistente à ideia de Jesus, cheia de argumentos, imaginações, orgulho, ideias próprias, conceitos e estruturas mentais que criam padrões à sua maneira de pensar. A Bíblia chama isso de fortaleza, porque leva o indivíduo a atuar no reino de Deus de maneira errada e a resistir com descaso ou violência quando é confrontado. Se fecho a mente às verdades da Palavra em razão das minhas opiniões, não posso receber o que Deus tem para mim.

A Falta De Expansão Do Reino Não É Falta De Unção

Você precisa entender isto: a falta de expansão do reino de Deus não é falta de unção. A Ekklesia só pode ser estabelecida por uma autoridade que delega plenos poderes àquela assembleia para agir em seu nome, portanto seja no Velho Testamento, os que foram escolhidos por Deus para o ministério profético, sacerdotal ou de governo político, como também no Novo Testamento, quando o Senhor estabelece os apóstolos como referência daqueles que viveriam em Cristo, a unção que receberam no começo foi a mesma até o fim, não houve uma porção a mais em algum momento de aperto ou de uma necessidade maior que estivessem atravessando, eles já tinham o suficiente para qualquer situação, era só liberar.

A Bíblia é o livro que conta histórias de pessoas

comuns fazendo coisas sobrenaturais, gente que cresceu em meio às adversidades, desprezou ameaças e perseguições dos adversários, e transformou montanhas em grãos de areia. À medida que liberavam porções da unção que o Senhor lhes havia dado, provocavam algum fato inesperado, sobrenatural, capaz de chamar atenção de todos à sua volta e mudar uma situação improvável segundo as vistas do homem natural. Por quê? Porque confiavam no que o Senhor dissera a eles que podiam fazer e, simplesmente, não colocavam nenhum limite no que faziam. Bem simples, não é? Nós já temos a unção. Creia!

Como A Unção Sobrenatural É Liberada?

O testemunho sempre começa com: “pela fé”. À medida que a fé era exercitada, a unção que produz o sobrenatural era liberada, como um gatilho que quando acionado dispara o projétil do interior da arma em direção ao seu alvo. De acordo com a medida de fé que cada um possui, grande ou pequena, é de acordo com a medida de fé que temos, que retemos a unção diante dos desafios de avanço, liberamos parte dela ou permitimos que flua em toda sua plenitude. Por isto, uns fazem muito, outros pouco e alguns quase nada no Reino de Deus. Você precisa entender isso, se entender, tudo muda para você.

A Fé Libera A Unção

“

*Se fecho a mente
às verdades da
Palavra em razão
das minhas
opiniões, não posso
receber o que Deus
tem para mim.*

”

“

Hoje, a unção não está no céu ou em qualquer outro lugar, a unção está em nós, adormecida, esperando uma ação de fé ou a proclamação de uma palavra para fluir e causar um impacto sobrenatural em nosso chamado.

”

Vamos gastar um pouco mais de tempo sobre esta questão, porque infelizmente temos pouca revelação da palavra nesta área, e percebo no meu espírito o quanto é necessário que eu compartilhe com você o entendimento que adquiri em minhas experiências pessoais e acredito que, ao colocar da maneira como farei a seguir, você terá a mesma percepção que eu tive quando fui ministrado por essa palavra. Quero compartilhar dois textos que me fizeram entender que a liberação da unção depende de uma ação fora do padrão natural de qualquer ser humano, se não a dispararmos por meio da fé, ficará retida e não prevaleceremos na obra que estamos edificando.

“Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos! Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” - Mt 8.23-27

Qualquer um de nós sabe reproduzir esta história e maravilhar-se pela manifestação sobrenatural de Jesus contendo a fúria da tempestade que ameaçava a integridade física dos discípulos, que em um dado momento buscaram socorro no Senhor, porque o naufrágio da embarcação em que estavam fazendo a travessia do mar da Galileia era iminente. Como aqueles homens, creio que também ficaríamos maravilhados com o ocorrido. Uma história é construída a partir de fatos que vão se juntando um ao outro, e neste episódio, onde cada fato gera um aprendizado, a experiência daqueles doze homens com Jesus pode nos ensinar, entre outras coisas, a grande importância para uma vida sobrenatural, porém, quero apenas destacar o fato de que a fé libera a unção.

Enquanto a tempestade castigava o barco com ex-

trema violência, chamo sua atenção para a cena de Jesus dormindo no convés. Isto é muito importante, porque ao despertá-lo aos gritos pedindo socorro, ele acorda do seu sono, vai até onde todos estão e com voz de comando, ordena que a força dos ventos e das ondas cesse. O que aprendemos com este fato? A unção só foi liberada quando um dos discípulos a acionou por meio da fé. Hoje, a unção não está no céu ou em qualquer outro lugar, a unção está em nós, adormecida, esperando uma ação de fé ou a proclamação de uma palavra para fluir e causar um impacto sobrenatural em nosso chamado.

A fé libera a unção (Mc 5.24-34). Os fatos dessa história sobrenatural são marcantes: uma mulher sofrendo por 12 longos anos com uma hemorragia. O fato principal é descrito quando ela toca em Jesus, e ele pergunta quem o havia tocado, porque os discípulos respondem que seria impossível saber quem o havia tocado, porque muita gente o apertava. Porém, ele disse: Alguém me tocou pois de mim saiu poder, virtude, unção para curar. Por que tanta gente espremendo Jesus, e ele quer saber de uma única pessoa curada? O óbvio não seria que todos que nele tocassem ficassem curados de seus males? É o que entendemos, porém, não é o que acontece. A unção que saiu dele para curar foi liberada para aquela mulher por causa da sua fé. Jesus disse a ela: “Filha, a tua fé te salvou;

vai-te em paz e fica livre do teu mal.”

A fé libera a unção que agora está em mim, que está em nós, que está em todos os que crerem em Jesus. As mesmas obras que Ele fez e obras ainda maiores poderão ser feitas por qualquer salvo que se mova sob o espírito apostólico da sua Ekklesia. O mover apostólico pertence a todos os salvos, é só disparar o gatilho da fé para liberar a unção contida em cada membro do corpo de Cristo.

Precisamos De Mais Fé Ou Mais Unção?

“Disse o SENHOR a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta o teu bordão, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco.” - Êx 14.15-16

Criamos uma tradição religiosa no decorrer dos tempos que é o de estarmos orando permanentemente por mais unção, jejuando por mais unção, nos santificando por mais unção, tornou-se comum as pessoas estarem buscando por mais unção para servirem a Deus com mais eficácia, com isso acabam permanecendo nesse processo de “enchimento” por anos e anos, e nunca estão aptas o suficiente para o exercício do ministério dado a todos os santos pelo Senhor. Por quê? Porque o entendimento que se tem sobre esse tema de enorme rele-

vância para o avanço do reino de Deus está equivocado, acredite, não necessitamos orar por mais unção, necessitamos é de mais ousadia e coragem para expressar a fé que vai transportar os montes de um lugar a outro e estabelecer a ordem espiritual de todas as coisas deformadas pelo diabo na vida do homem.

A primeira etapa do ministério de Moisés no Egito nos dá uma clara ideia acerca dessa questão, que chega a ser polêmica, quando pela fé, ele liberou a unção que trouxe sobre toda a nação egípcia 10 pragas que devastaram aquela terra, e deixou a nação mais influente e poderosa do mundo daquele tempo à míngua. A cada negativa do rei, Moisés não saía do palácio desesperado em busca de mais unção para a próxima ação, ele simplesmente ordenava e a praga seguinte caía sobre o Egito. Foi sobrenatural: um homem comum, do campo, colocou uma nação inteira de joelhos com a unção que recebeu no dia do seu chamado em Horebe.

Contudo, mais adiante, após reunir todo o povo e iniciar uma jornada prevista inicialmente para quarenta dias, Moisés se vê em uma situação inesperada com toda aquela multidão que o seguia alegremente, eles se veem diante do Mar Vermelho, cercado por duas enormes cordilheiras rochosas, um verdadeiro beco sem saída, e o poderoso exército de Faraó cada vez mais pró-

“

A unção necessária para uma vida de nível sobrenatural é dada pelo Espírito Santo ao salvo e é dada em toda sua plenitude, não da forma como imaginamos, em porções.

”

ximo, no encalço deles a fim de recapturá-los e retornar com todos eles à escravidão de onde haviam sido libertos depois de 400 anos. O líder sobrenatural se vê em grandes apuros, e por um momento faz o que todos nós fazemos, retira-se do meio da adversidade e vai orar. Uma atitude louvável para nós, que mostra dependência e segurança em Deus, é o que entendemos, mas o Senhor não avalia dessa mesma forma, num tom que parece revelar certa intolerância com a atitude do seu servo, Deus pergunta a Moisés: “Por que clamas a mim? Diga ao povo que marche”.

Este é um fato que não podemos ignorar nessa história e merece toda nossa atenção, porque naturalmente surgem situações que não estamos habituados a

lidar sobrenaturalmente, e que acabam interrompendo nossa jornada. Por quê? Porque ainda encontramos a revelação de uma verdade que pode mudar a vida de qualquer um que anda em Deus. A unção necessária para uma vida de nível sobrenatural é dada pelo Espírito Santo ao salvo e é dada em toda sua plenitude, não da forma como imaginamos, em porções. Explico: se temos um desafio novo vamos lá e pedimos mais um pouco de unção para superar aquela situação, porque julgamos não ter o poder do Espírito, necessário para lidar com tal caso. Entenda, a unção que Moisés recebeu na sarça ardente, no dia do seu chamado, era plena para o exercício sobrenatural de toda obra que fosse necessária. Faltou a Moisés unção ou fé naquela circunstância? Fé, porque quando ele foi em direção às águas, a unção foi liberada para abri-las e todos passaram a pé enxuto. Enquanto Moisés mantivesse o cajado nas mãos, qualquer coisa era possível, creio que assim entendemos melhor.

A Unção É Plena

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus

a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.” - Lc 4.18-21

Num dia de sábado Jesus chega até a sinagoga, onde passou trinta anos de sua vida indo lá com José e Maria, porém naquele dia, após Seu batismo e o teste do deserto, Ele abriu o livro do profeta Isaías, leu e declarou a todos que aquela profecia estava se cumprindo nele, que no dia do seu batismo, o Espírito Santo desceu sobre ele, ainda no rio Jordão, e deu-lhe poder para: proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. A unção que estava nele era plena, além desses fatos ocorridos na trajetória de sua vida terrena, ainda o vimos parar tempestades, multiplicar pães e peixes etc. A unção que o Pai lhe dera publicamente foi plena, o poder que estava sobre Ele poderia ser usado para qualquer coisa.

O Problema É A Falta De Fé

“Todavia, o meu justo viverá pela fé; e se retroceder, nele não se compraz a minha alma.” - Hb 10.38

A falta de fé é pecado, sabemos disto, e como todo pecado tem nome, falta de fé também tem, Deus a chama de rebelião. Por quê? Todas as vezes que alguém deixa de ouvir o que o outro que está acima diz e desobedece,

é rebeldia. Ser rebelde é ser desobediente a um comando. Em João 3.36, Jesus diz que “quem obedece o que o Filho diz tem a vida eterna”, podemos concluir a partir daí, que o que não obedece ao que o Filho diz não tem a vida eterna, é rebelde. O obediente ganha respaldo, isto quer dizer que a igreja, Ekklesia sobrenatural, é aquela que tem suas obras respaldadas pela unção plena que recebeu do seu Senhor.

Precisamos entender que não é a medida da unção que vai subindo de acordo com as obras que temos que fazer, ela é plena, mas é a fé que vai mudando de nível a cada nova experiência. Se resolvermos o problema da fé, resolvemos o problema da igreja, porque a unção já está nela desde o dia em que creu em Jesus.

“E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.” - Mc 16.20

A Igreja Apostólica cumpre seu grande chamado com sucesso quando a direção dada àqueles que a lideram está em harmonia com Seu arquiteto e os santos trabalham arduamente com os dons dados a eles pelo Espírito Santo. Somos apostólicos!

Bispo A. C. Palaroni
ICB Santos
(Adaptado do livro “Mover Apostólico”)



UMA PARA UMA GRA

“Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o dia do Senhor está perto, no vale da Decisão.” – Joel 3.14 (ARC).

Esse versículo nos chama a atenção para a urgência e a importância do momento que estamos vivendo. O

“vale da Decisão” é onde as almas são chamadas a escolher entre a vida e a morte espiritual, entre seguir a Deus ou permanecer afastadas Dele. E a nossa responsabilidade como Igreja é grande.

Os líderes espirituais carregam o encargo de edi-

ficar o Reino de Deus. Eles têm a missão de guiar a igreja, seja ela organizada em células ou de outra forma, para que ela cresça e floresça. No entanto, hoje enfrentamos uma enorme crise de liderança. Por quê? Porque não estamos levantando novos líderes, não estamos



VISÃO

UMA GRANDE COLHEITA

evangelizando, não estamos batizando. Em resumo, o rebanho não está crescendo.

A solução está em voltar ao básico, aos fundamentos. Precisamos investir em treinamento e capacitação de novos líderes. Isso significa identificar pessoas com potencial, mentoreá-

-las e apoiá-las em seu desenvolvimento espiritual e ministerial. Além disso, a evangelização deve ser uma prioridade constante. Todos os membros da igreja precisam ser encorajados a compartilhar sua fé e a convidar outros para conhecerem a Jesus.

Batizar novos convertidos também é de suma importância. O batismo não é apenas um rito de passagem; é um ato de obediência e um testemunho público da fé em Cristo. Quando a igreja se compromete com esses fundamentos – formar líderes, evangelizar e batizar

– vemos o rebanho crescer e se fortalecer.

Portanto, a visão para uma grande colheita começa com uma base sólida. Precisamos reavaliar nossos esforços, focar nos fundamentos e, com isso, responder ao chamado de Deus. O dia do Senhor está próximo, e Ele conta conosco para sermos Seus instrumentos na grande colheita de almas.

A Visão

“O Senhor me respondeu e disse: ‘Escreva a visão, torne-a bem legível sobre tábuas, para que possa ser lida até por quem passa correndo.’” – Habacuque 2.2 – NAA.

O Que é uma Visão?

Visão é a capacidade de enxergar além do presente, de perceber o que Deus está preparando para o futuro e de alinhar nossas ações para alcançar esse propósito. Uma visão dada por Deus é um guia, um mapa que direciona nossos esforços e nos mantém focados no que realmente importa.

Um líder com fome por Deus *pode ser resistido, mas nunca impedido*. Essa fome é uma paixão ardente por conhecer mais de Deus, por fazer Sua vontade e por ver Seu Reino expandir. Um líder com essa fome contagia outros com sua paixão e determina o rumo da igreja.

Por outro lado, um líder sem fome por Deus resiste a uma visão divina. Ele se acomoda, tradicionaliza os irmãos, não se move pela fé e não se importa com a colheita de almas. Esse tipo

“

Se não há uma voz, cada um pensa e faz o que acha ser correto.

Se a voz é confusa, as ovelhas ficam desorientadas.

”

de liderança estagna a igreja, impedindo o crescimento e a expansão do Reino de Deus.

O Papel Crucial dos Líderes

É através dos líderes que a igreja cresce ou diminui. Deus nunca culpou o povo pelos fracassos, mas sim o comportamento dos líderes que Ele mesmo escolheu e ungiu. Vamos ver alguns exemplos bíblicos:

- Sacerdotes:

“Meu povo foi destruído por falta de conhecimento. ‘Uma vez que vocês rejeitaram o conhecimento, eu também os rejeito como meus sacerdotes; uma vez que vocês ignoraram a lei do seu Deus, eu também ignorarei seus filhos.’” – Ageu 4.6, NVI.

“Seus sacerdotes come-

tem violência contra a minha lei e profanam minhas ofertas sagradas; não fazem distinção entre o sagrado e o comum; ensinam que não existe nenhuma diferença entre o puro e o impuro; e fecham os olhos quanto à guarda dos meus sábados, de maneira que sou desonrado no meio deles.” – Ezequiel 22.26, NVI.

- Profetas:

“As visões dos seus profetas eram falsas e inúteis; eles não expuseram o seu pecado para evitar o seu cativo. As mensagens que eles lhe deram eram falsas e enganosas.” – Lamentações 2.14, NVI.

- Reis:

Em 2 Crônicas 28.2-8, vemos o rei Acaz, que andou nos caminhos dos reis de Israel, fez imagens fundidas para os baalins, queimou incenso no vale do filho de Hinom e queimou seus filhos no fogo, seguindo as abominações das nações que o Senhor havia expulsado diante dos filhos de Israel. Por causa de sua liderança corrupta, Judá foi entregue nas mãos de seus inimigos.

- Líderes da Igreja:

Apocalipse 2.4: *“Tenho, porém, contra ti”* encontramos esta frase repetidas cinco vezes aos líderes (anjos) das igrejas da Ásia.

Deus coloca a responsabilidade sobre os líderes porque são eles que guiam o povo. Líderes sem visão e sem fome por Deus não conseguem conduzir o rebanho à colheita de almas que Deus deseja. Eles podem se acomodar em tradições, perder a fé e não se importar com o

crescimento espiritual e numérico da igreja. Portanto, precisamos de líderes com uma visão clara e uma fome insaciável por Deus. Líderes que não só entendem a urgência, mas que também são movidos a agir.

Esses textos, embora não direcionados diretamente a nós, mostram claramente que os frutos estão intimamente ligados à liderança e não ao povo. Por quê? Porque as ovelhas seguem a voz do seu pastor (Salmos 23.1-3).

Se não há uma voz, cada um pensa e faz o que acha ser correto. Se a voz é confusa, as ovelhas ficam desorientadas. Se a voz não é segundo a visão de Cristo, a Igreja está separada Dele, sem comunhão. Portanto, a responsabilidade recai sobre os líderes para serem a voz clara e orientadora. Eles devem guiar o rebanho com paixão e propósito, refletindo a visão de Cristo.

A Visão de Cristo

A visão de Cristo, conforme revelada nas Escrituras, é ampla e profunda, englobando vários aspectos centrais que se entrelaçam para formar um quadro completo do Seu propósito para a humanidade e o Seu Reino. Vamos destacar alguns pontos-chave dessa visão:

- Salvação e Redenção de Toda a Humanidade.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a

vida eterna.” - João 3.16.

Jesus, o Cristo veio para salvar o mundo, oferecendo a Si mesmo como sacrifício para redimir a humanidade do pecado.

- Expansão do Reino de Deus.

“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.” - Mateus 28.19-20.

A Grande Comissão é central à visão de Cristo, que é alcançar todas as nações com a mensagem do evangelho.

- Transformação e Santificação dos Crentes.

“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade.” - João 17.17.

Cristo deseja que Seus seguidores sejam transformados e santificados pela verdade da Palavra de Deus, vivendo vidas que reflitam Seu caráter.

- Unidade do Corpo de Cristo.

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.” - João 17.21.

A visão de Cristo inclui a unidade entre os crentes, para que o mundo veja e creia na Sua mensagem. Então a unidade não está em torne de uma concordância unanime em todos os pontos doutrinários ou

políticos, mas na salvação dos pecadores. Veja o que o apóstolo Paulo disse a respeito: *“Mas que importa? Uma vez que, de uma forma ou de outra, Cristo está sendo pregado, seja com fingimento, seja com sinceridade, também com isto me alegro; sim, sempre me alegrarei.”* - Filipenses 1.18.

- Justiça, Paz e Amor.

“O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor.” - Lucas 4.18-19.

Jesus veio para trazer justiça, curar os quebrantados, libertar os cativos e proclamar o favor de Deus, manifestando o amor de Deus em ação.

- Preparação para a Segunda Vinda.

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos, com grande som de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.” - Mateus 24.30-31

A visão de Jesus inclui a preparação da Igreja para Sua segunda vinda, onde Ele voltará em glória para julgar o mundo e estabelecer o Seu Reino eternamente.

Aplicando a Visão de Cristo

Se não nos interessamos pela visão plena de Cristo, não temos comunhão com Ele, “Será que dois andarão juntos, se não estiverem de acordo?” (Amós 3.3); Como frutificaremos? (João 15.4). Precisamos restaurar nossa comunhão com a visão de Cristo e tomá-la para a grande colheita de almas dos últimos tempos.

Jesus nos alertou sobre a urgência da colheita (João 4.35). As multidões estão no vale da Decisão, esperando ouvir a verdade que pode transformar suas vidas. Cada um de nós, como parte do corpo de Cristo, tem um papel a desempenhar nesta missão. Precisamos nos alinhar com a visão de Cristo e agir com diligência e paixão para alcançar aqueles que estão perdidos.

A visão de Cristo para Sua igreja é clara: *evangelizar, afirmar, treinar e enviar líderes*. Quando abraçamos essa visão e trabalhamos juntos para realizá-la, vemos o Reino de Deus se expandir e vidas sendo transformadas.

Absolutamente, a visão é o alicerce sobre o qual construímos tudo o mais em nossas vidas, inclusive a maneira como edificamos a Igreja para Deus (2 Coríntios 11.2). É como uma bússola que nos orienta na direção certa e nos ajuda a saber para onde estamos indo. Sem uma visão clara, nossos esforços podem se dispersar e ficar sem direção, resultan-

“

***Absolutamente,
a visão é o alicerce
sobre o qual
construímos tudo
o mais em nossas
vidas, inclusive a
maneira como edifi-
camos a Igreja para
Deus.***

”

do em um destino incerto e frustrante.

Ao moldarmos nossos corações à maneira de Cristo, estamos nos alinhando com Sua visão para a igreja. Isso significa adotar Seus valores, prioridades e propósitos.

Quando nossos corações estão sintonizados com o coração de Cristo, somos capacitados a edificar a Igreja de uma maneira que honra a Deus e impacta o mundo. Cada decisão, cada ação, cada palavra é influenciada por essa visão transformadora, levando-nos mais perto do cumprimento do chamado divino em nossas vidas.

Uma visão verdadeira não é suficiente por si só. Ela precisa ser sustentada

por pilares sólidos, fundamentos que dão estabilidade e sustentação ao edifício espiritual que estamos construindo.

Neste contexto, surge a importância de entendermos e nos comprometermos com esses pilares afirmadores a visão de Cristo na Igreja:

PILAR 1: CARÁTER

Os homens e mulheres de Deus não são medidos pelos dons que receberam, mas pelo caráter que desenvolvem. Mas o que isso significa?

Os dons são presentes dados por Deus, habilidades espirituais concedidas pela graça de Cristo. Eles incluem capacidades como pregar, fazer milagres e outros dons espirituais. No entanto, os dons não têm custo, são dados livremente por Deus.

Por outro lado, o caráter não é o que dizemos que faremos no futuro, mas sim quem somos hoje, especialmente quando enfrentamos pressão ou desafios. O caráter é a soma de todas as nossas qualidades, positivas e negativas. Ele é revelado em nossos pensamentos, motivações, intenções, ações e atitudes. Podemos identificar se temos um bom ou mau caráter ao observar como respondemos às situações da vida.

Embora os dons sejam importantes e úteis no serviço a Deus, é o nosso caráter que realmente *define quem somos como seguidores de Cristo*. Um caráter íntegro,

moldado à imagem de Cristo, nos capacita a ser fiéis e confiáveis em todas as circunstâncias. Ele nos permite permanecer firmes em nossa fé, mesmo quando enfrentamos dificuldades, e nos torna exemplos vivos do amor e da graça de Deus para os que estão ao nosso redor.

Desenvolver um caráter cristão sólido requer tempo, esforço e compromisso. Requer autoexame constante, submissão à vontade de Deus e busca por crescimento espiritual. À medida que permitimos que o Espírito Santo transforme nosso coração e mente, nosso caráter se torna cada vez mais semelhante ao de Cristo, refletindo o Seu próprio caráter.

As Provas da Virtude do Nosso Caráter

O caráter é moldado e refinado através de diversas proações ao longo da vida. Deus, em Sua sabedoria, utiliza diferentes situações para testar a autenticidade e a integridade do nosso caráter. Vamos explorar quatro maneiras pelas quais Ele nos prova:

1 - Prova em Coisas Pequenas.

Em Lucas 16.10-13, Jesus ensina que aquele que é fiel no pouco também é fiel no muito. Deus muitas vezes nos prova em situações pequenas, como em questões financeiras, como dívidas e ofertas. Nesses momentos, Ele observa como lidamos com nossos recursos e se somos fiéis em obedecer a Ele,

mesmo nas pequenas coisas.

2 - Prova com Metas de Outro Líder.

Em Êxodo 3.1-2, vemos como Deus provou Moisés quando ele cuidava do rebanho do seu sogro, isso o capacitou a liderar o povo de Israel. O caráter é provado quando Deus nos coloca para servir em áreas que não são de nossa escolha. Isso nos desafia a submeter nossa vontade à vontade de Deus e a confiar em Seus planos soberanos.

3 - Prova com Responsabilidades Recebidas.

Mateus 24.45-51 destaca a responsabilidade que cada servo tem ao ser colocado à frente de outros. Deus nos prova quando nos confia responsabilidades, observando como tratamos aqueles que Ele nos confiou. Ele avalia se somos fiéis e amorosos em nosso serviço ou se agimos com egoísmo e negligência. Nos momentos em que ninguém está observando, revelamos o verdadeiro estado do nosso coração.

4 - Prestar Contas.

Em Lucas 16.1-2, Jesus conta a parábola do mordomo infiel para destacar a importância de prestar contas de nossas ações. Prestar contas é uma das virtudes mais importantes na vida de um líder submisso e obediente. Aqui na Terra, prestamos contas às autoridades estabelecidas por Deus, pois isso agrada a Ele. E na eternidade, ouviremos a avaliação divina: “Servo bom e fiel”

ou “Servo mau e negligente” (Mateus 25.21,26).

Essas provas revelam o verdadeiro caráter de uma pessoa e mostram sua fidelidade e comprometimento com Deus. Ao enfrentarmos essas proações com fé e integridade, nosso caráter é fortalecido e nos tornamos mais semelhantes a Cristo.

Portanto, o primeiro pilar para firmar a visão de Cristo na igreja é o desenvolvimento de um caráter cristão sólido, que honre a Deus em todas as áreas de nossa vida. Este é o alicerce sobre o qual os outros pilares serão construídos.

PILAR 2: UNÇÃO

Na edificação da Igreja segundo a visão de Cristo e com um caráter sólido, encontramos um elemento essencial: *a unção*. Em Atos 10.38, lemos que Jesus foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder, e Ele passou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos pelo diabo. Essa unção é a capacitação divina concedida aos crentes para realizar a obra do ministério com eficácia e impacto.

A Unção em Nós e Através de Nós

A unção de Deus não é apenas sobre nós, mas também age através de nós para impactar o mundo. Em Efésios 4.6, somos lembrados de que há “um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.” Essa unção opera em nós, capacitando-nos

com habilidades espirituais e direcionamento divino, mas também se manifesta através de nós, influenciando e transformando vidas ao nosso redor.

A unção não apenas capacita, mas também prova o nosso ministério. É através dos dons e poder sobrenatural concedidos pelo Espírito Santo que demonstramos a autenticidade e eficácia do nosso testemunho sobre Jesus. Quando somos ungidos, nossas palavras e ações são revestidas com a autoridade de Deus, atraindo outros para Cristo e glorificando Seu nome. – Atos 3.9, 10.

PILAR 3: FÉ

A fé é outro dos pilares que sustentam a visão de Cristo para Sua Igreja. Mas o que realmente é fé? Em essência, fé é agir conforme a visão que recebemos de Deus, confiando plenamente em Sua promessa e poder para cumprir Seus propósitos. É a liberação da unção que está em nós, pois temos a medida de unção, mas ela só é liberada através da fé.

Em Mateus 11.11, Jesus disse que temos mais de Deus do que João Batista. João Batista era considerado grande aos olhos dos homens por sua integridade, zelo e serviço ao Senhor. No entanto, Jesus declara que o menor no Reino dos céus é maior do que João. Isso não significa que João era menosprezado, mas sim que, na nova dispensação do Reino inaugurada por Jesus, os crentes têm acesso a uma medida de fé e unção que os

capacita a realizar obras ainda mais grandiosas do que as feitas por João Batista.

Como o Diabo Imobiliza um Líder

1 - Desviando da Visão: O diabo muitas vezes tenta desviar um líder da visão que Deus lhe deu, lançando dúvidas e confusão sobre sua validade ou viabilidade. Ele pode sugerir que a visão é muito complicada ou difícil de realizar, levando o líder a questionar e abandonar o propósito que Deus lhe deu.

2 - Minimizando a Importância do Caráter: Outra tática do diabo é convencer o líder de que o caráter não é importante. Ele pode sugerir que ninguém é perfeito e que a busca pela integridade e santidade é uma expectativa irrealista. Ao enfraquecer a importância do caráter, o diabo abre espaço para a corrupção e comprometimento moral.

3 - Questionando a Unção: O diabo pode sussurrar ao líder que ele não pagou o preço suficiente para receber a unção plena de Deus e operar milagres. Ele pode semear dúvidas sobre a validade da autoridade espiritual, levando-o a duvidar de sua capacidade de fazer a obra de Deus de forma eficaz.

4 - Imobilizando a Fé com Medo: O diabo frequentemente tenta imobilizar a fé do líder ao colocar o medo em seu coração. Ele

pode criar circunstâncias assustadoras ou ameaçadoras que fazem o líder hesitar em agir conforme sua fé. Embora o líder possa continuar crendo em Deus, o medo o impede de agir com coragem e confiança, resultando em inatividade e paralisia espiritual.

Aqui, descobrimos os fundamentos essenciais para edificar a Igreja segundo a visão de Cristo: *visão clara, caráter íntegro, unção divina e fé*. Assim como as táticas do inimigo para imobilizar líderes. Que este conhecimento lhe fortaleça na missão de expandir o Reino de Deus.

Quando líderes e igrejas se alinham a essa visão, o Reino de Deus se manifesta com poder, e as multidões no vale da Decisão encontram esperança, salvação e propósito.

É tempo de despertar! O Senhor nos chama a olhar para a seara, pois ela já está branca para a colheita (João 4.35).

Levante-se como um instrumento de Deus nesta geração! Reacenda a fome pela presença do Espírito, fortaleça seu caráter em Cristo e avance pela fé. Não espere que outros façam, seja você a voz que proclama o evangelho, o líder que forma discípulos e o servo que trabalha pela grande colheita. O tempo é agora, e Deus conta com você!

Apóstolo Jair de Oliveira
(Adaptado do livro
"A Grande Colheita")

Casa Publicadora, sua Livraria On-Line!



GARANTA LOGO O SEU!

Acesse nossa livraria online e compre os materiais
da Casa da Bênção de maneira rápida e fácil!



Apenas um Clique!



CASA PUBLICADORA DA CASA DA BENÇÃO

www.cpicb.com.br

61 9.9949-7654